Jornalismo Investigativo na Política Brasileira

Autores

David Garcia
Anderson Rafael Ricci

1. Introdução

É evidente que em todas as áreas de trabalho, o profissional trabalha diariamente sobre pressão. No jornalismo isso também não é diferente, porém, a carga de cobranças que o profissional dessa área carrega é muito maior.

Essa pressão aliada a uma rotina de produção exercida quase que igualmente por todo esse meio, faz com que o trabalho do jornalista se torne ainda mais árduo. Além dessa cobrança interna dentro dos meios de comunicação, há a também a externa, a da população. A essas cobranças estão ligados a vários fatores entre eles questões como rotina de produção, ética, opinião pública e invasão de privacidade.

O que motivou realização desse trabalho é discutir como todos esses itens podem influenciar em uma área do jornalismo chamada Jornalismo Investigativo, que também traz controvérsias tanto entre os profissionais quanto estudiosos quando questionados se esse tipo de jornalismo é ou não uma área à parte.

2. Objetivos

Esse estudo se tornou necessário, pois as relações, entre jornalista e fonte, jornalista e poder político e jornalista e veículo de comunicação, interferem na informação final que chega ao público, o que fica bem explicito no “Caso Collor”, cuja participação da imprensa, segundo alguns autores teve participação importante para o processo de *impeachment*.

Entretanto, é preciso considerar que, mesmo em se tratando de um escândalo político envolvendo o Presidente da República, houve alguns exageros de alguns órgãos de comunicação, conforme NASSIF (2003:65): “a imprensa dizia na época que Collor usava supositórios de cocaína, era amante de seu ordenança, vivia em estado catatônico e matava galinhas pretas em rituais de macumba. Rosane Collor era homossexual e tinha caso com meia Brasília.”

Desta forma, buscamos desenvolver uma reflexão sobre essa questão, uma vez que a relação com as fontes é uma das etapas em que a ética por parte do jornalista deve ter um cuidado especial, até mesmo quando envolve interesse público e que é importante se estabelecer as conseqüências de se expor determinados detalhes da vida privada de uma pessoa, ou seja, até onde a vida privada pode e deve ser preservada ou como o privado pode interferir no que é público, principalmente na credibilidade do indivíduo.

Para que compreender melhor a influência de todos esses itens citados até agora, foi necessário, em primeiro, ficar claro o que são essas rotinas e como elas funcionam. Assim, no Primeiro Capítulo foi

abordada a teoria do n*ewsmaking*, isto é**,** a teoria sobre o processo de produção da notícia no chamado “fazer jornalístico diário”. Nesse capítulo também tentamos discutir se o Jornalismo Investigativo passa pelo mesmo processo de produção ou se tem outras características.

3. Desenvolvimento

Optamos por analisar três edições de revistas que foram importantíssimas para o *impeachment* do ex-presidente Fernando Collor de Mello. Duas revistas IstoÉ, onde umas delas traz a entrevista de Francisco Eriberto Freire França, ex-motorista da secretária de Collor, Ana Aciolli, que acabou se tornando essencial para que o ex-presidente fosse deposto de seu cargo. E uma edição de Veja que Pedro Collor, irmão de Fernando, revela a proximidade do presidente com seu tesoureiro de campanha, Paulo César Farias. Pedro também traz á tona detalhes da vida particular do então presidente.

A analise não tratou apenas em observar o conteúdo, mas sim pesquisou como o processo de produção, referente ao jornalismo investigativo, se deu. Para isso entrevistamos os jornalistas envolvidos nas reportagens, Luís Costa Pinto e Mino Pedrosa, bem como o presidente da Abraji (Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo), Marcelo Beraba, estudiosos e jornalistas produtores de reportagens investigativas.

Nesse acontecimento pudermos também analisar uma outra questão importantíssima na vida de um jornalista, principalmente os investigativos. Como se dá a relação de fontes com os profissionais de comunicação. Necessariamente no meio político onde ocorreu todo esse acontecimento.

Em 1992 as denúncias de corrupção no governo Collor ganharam força com as declarações do seu irmão Pedro Collor à revista Veja. No curto período que antecedeu o *impeachment*, segundo Mario Sérgio Conti (1999:9), autor do livro Notícias do Planalto, “houve enormes manifestações populares e a maior intervenção [confisco de dinheiro] na propriedade privada já vista no país (...) foram também anos em que a imprensa teve uma participação substantiva na vida política”. Participação essa que, ao mesmo tempo em que ajudou o então presidente da época a ser eleito, também colaborou para que ele fosse deposto de seu cargo.

Assim, no Primeiro Capítulo foi abordada a teoria do n*ewsmaking*, isto é**,** a teoria sobre o processo de produção da notícia no chamado “fazer jornalístico diário”. Nesse capítulo também tentamos discutir se o Jornalismo Investigativo passa pelo mesmo processo de produção ou se tem outras características.

4. Resultados

Pode-se concluir que o jornalista se vê preso a uma faca de gumes**:** onde enxerga a necessidade da produção rotineira, encontra também o contraponto que é a mesmice burocrática. Com isso, o jornalista deve compreender que independente do valor dedicado à determinada notícia, ela deverá ser analisada pelo editor e, conseqüentemente, pela organização. A partir daí as restrições deverão aparecer por diversos fatores, dentre eles política ou financeira.

A compreensão da relação sociocultural com a produção rotineira de notícia, se faz necessário para que

possamos entender a processo de massificação da ideologia à que foi submetida à população brasileira no processo de *impeachment* do então Presidente da República, Fernando Collor de Mello, deposto em 1992, acusado de corrupção.

Neste período, duas grandes revistas do país, Veja e IstoÉ, publicaram matérias que relacionavam Collor à PC Farias e também ao uso de verba pública para fins particulares, mais especificamente para as despesas da “Casa da Dinda”, e complicaram a situação dele no Congresso. Mas, deve-se levar em conta todo o processo organizacional, produção e publicação dos textos, já que é óbvio que ambos os veículos seguiram padrões de conduta ideológicas e sócio-culturais.

O que se percebe é que a complexidade da produção do jornalismo investigativo se diferencia da forma como são elaboradas as matérias do dia-a-dia em vários aspectos e, ao mesmo tempo, sofre algumas influências do processo de produção rotineiro das redações no processo diário do “fazer jornalístico”. Porém mesmo com essas diferenças, cabe aos profissionais da área do jornalismo prezarem pela verdade.

Se pararmos para nos concentrar em bibliografias que tentem, de alguma forma, explicar e dimensionar os limites do jornalismo, no que diz respeito aos limites da privacidade, do interesse público e da própria noção de liberdade, conectada com a responsabilidade social, chegaremos à conclusão de que dentre os temas, estará, sempre à frente, a questão ética.

Neste contexto, a relação com as fontes é imprescindível como comportamento ético do jornalista, especialmente quando se trata de informações que podem constranger os envolvidos, principalmente quando os personagens da notícia a ser publicada são pessoas em esfera pública.

A liberdade de expressão, ou de imprensa, é assegurada pela Constituição que o garante de toda e qualquer restrição de seu pleno exercício. Porém, se faz necessário o destaque de que o texto constitucional garante não só o discurso responsável, aquele praticado por veículos de comunicação sérios e comprometidos com a sociedade, mas também àqueles que o praticam de forma irresponsável.

Fica evidente então que, mesmo que a liberdade de expressão e o direito à informação estejam garantidos, é necessário que haja uma limitação para isto, que preceitos devam ser seguir, como garantir a veracidade da informação e que esta veracidade não esteja limitada pela lei.

5. Considerações Finais

Essa monografia não tem a pretensão de esgotar o assunto, mas sim pretende possibilitar uma reflexão sobre a importância do exercício da atividade jornalística de forma responsável, tanto do ponto de vista da investigação, quanto da relação com as fontes e da ética, como forma de contribuir para a consolidação da democracia em nosso país.

BUCCI, Eugênio. *Sobre ética e imprensa* . São Paulo: Cia das Letras, 2000.

CHAIA, Vera. *Jornalismo e política.*São Paulo:Hacker Editores, 2004.

CHAPARRO, Manuel Carlos. *Paradigmas do jornalismo: buscas práticas para uma teoria da ação jornalística*. São Paulo: Summus, 1999.

CONTI, Mario Sérigo, *Notícias do Planalto: A Imprensa e Fernando Collor.* São Paulo: Cia das Letras, 1999

FORTES, Leandro. *Jornalismo investigativo*. São Paulo: Contexto, 2005.

GUERRA, Sidney Cesar S. *A liberdade de imprensa e o direito à imagem*. 2.ed. Rio de Janeiro: Renovação, 2004.

HOHLFELDT, A.; BARBOSA, M. (Org.). *Jornalismo no século XXI:a cidadania*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2002.

JOSÉ, Emiliano. *Imprensa e poder: ligações perigosas*. São Paulo: Edufba, 1996.

KARAM, Francisco José. *Jornalismo, ética e liberdade*. São Paulo:Summus, 1997

KRIEGER, Gustavo, NOVAES, Luiz Antonio, FARIA, Tales. *Todos os sócios do presidente*. 3.ed.Scritta Editorial.1992

LAGE, Nilson. *A Reportagem:Teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

MARCONDES FILHO, Ciro. *Comunicação e jornalismo: a saga dos cães perdidos*. São Paulo: Hacker Editores, 2000.

MELO, Geraldo Lúcio de. Imprensa, poder, impressões éticas. In: PAIVA, Raquel (Org.) *Ética, cidadania e imprensa*. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.

NASSIF, Luis. *O jornalismo nos anos 90* .Futura.2003.

PENA, Felipe. *Teoria do jornalismo*. São Paulo: Contexto, 2005.

SERVA, Leão. *Jornalismo e desinformação*. 2.ed. revista e atualizada. São Paulo: Editora Senac, 2001.

SOUSA, Jorge Pedro.*Teorias da notícia e do jornalismo*.Chapecó: Argos, 2002.

TRAQUINA, Nelson. *Teorias do jornalismo*. *Porque as notícias são como são.* Florianópolis: Insular, 2005.

TRAQUINA, Nelson. *Teorias do jornalismo*. *A Tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional*. Florianópolis: Insular, 2005.

WOLF, Mauro. *Teorias da Comunicação.* Lisboa: Editorial Presença, 1995

.